

EDITORIAL

É TEMPO DE MUDANÇA

1227

*"Porque mui pouco val esforço e arte
Contra infernais vontades enganosas
Pouco val coração, astúcia e sizo
Se lá do céus não vem celeste aviso"*

Luis de Camões — Os Lusíadas
Canto II, verso 59

AP 1661

Termina aqui minha gestão de editor-chefe. A Assembléia dos Representantes, órgão deliberativo da S.B.A. não confirmou a minha recondução por mais um período de três anos para dirigir a Revista Brasileira de Anestesiologia, para o qual me candidatara mais uma vez, preferindo eleger outro editor. É um direito democrático que deve ser respeitado (1).

Há vinte e três anos entrava eu para o corpo de redação a convite de Oscar Ribeiro, fundador e primeiro editor da revista, a cujo esforço pioneiro muito se deve; iniciava meu aprendizado e minha modesta colaboração de principiante. Logo no ano seguinte (1957), Oscar tendo considerada cumprida sua missão, entrega a revista já estruturada e é eleito novo editor, Zairo Vieira, que me convida para redator associado. Passa então a publicação por algumas transformações, com altos e baixos, na busca de novas experiências procurando melhorar sua apresentação, frequência de aparecimento, padrão de trabalhos a serem publicados, enfim, transição e crescimento. A partir de 1963, em substituição ao editor-chefe que se ausentara do país, tomo o encargo e no ano seguinte sou confirmado no posto de editor-chefe onde fui mantido até agora, por quatro períodos sucessivos de reeleições.

Quem repassa as páginas dos vários volumes da Rev. Bras. Anest. pode observar que, procurei sempre, em trabalho contínuo, tenaz e desinteressado buscar o alto prestígio da revista, conseguido com seu aparecimento periódico, sem interrupção, contendo matéria especializada relevante que a colocou entre as primeiras revistas médicas do Brasil, ombreando-se com outras publicações especializadas editadas em

outros países. Para tanto, adotei desde cedo uma política redatorial (2) da qual nunca me afastei e cujos resultados, creio, tenham sido atingidos. Durante todos estes anos cada vez maior número de autores confiam seus trabalhos a revista. De uma frequência anual inicial de três números, passou-se para quatro (1963), conseguindo-se o aparecimento bimestral, desde 1976.

Minha tarefa editorial, facilitada pelos meus companheiros de redação, sempre pautada pela isenção de ânimo, independência e liberdade de ação, recebeu durante muitos anos total apoio, estímulo e incentivo de inúmeras diretorias que se sucediam na S.B.A. Nestes últimos anos, porém, talvez por influência do longo período de autoritarismo pelo qual passou o Brasil, enfrentei alguns bolsões de resistência às minhas atitudes independentes, culminando com a imposição por parte da diretoria de um apenso aos estatutos que exige o "nada consta" para matéria editorial considerada de cunho político. Esta a peia, a intransigência, a inquisição... Ridículo! Matéria assinada, é de responsabilidade legal do autor; a liberdade de imprensa é regulada por leis; as idéias não se censuram.

Talvez isto fosse o aviso, o momento, a hora de renunciar e entregar a outro a orientação. Nunca havia pensado em continuismo nem me considerava dono da revista: tinha sim uma tradição a zelar e uma tarefa a ser cumprida. Porisso, o estímulo recebido de parte de meus companheiros de redação, de incontáveis colegas e autores fez com que julgasse não ter ainda concluído minha missão e que deveria mesmo com sacrifício pessoal, concluir minha tarefa. Amadurecia-se a idéia de modificar e atualizar a apresentação gráfica, muitas vezes reclamada e a nova forma já estava em esquema para ser introduzida a partir de 1980. Pensava-se também em contratar os serviços de uma firma de publicações médicas que se envolvesse no diagrama, revisão, expedição e de toda a parte comercial, dando a revista uma maior flexibilidade de administração e profissionalização. Isto permitiria que, no futuro, com o trabalho editorial facilitado, pudesse ser escolhido um editor de qualquer estado da federação, sem nenhuma solução de continuidade. O editor deve ser apenas aquele que coordena a matéria a ser publicada e não servir de homem de sete instrumentos que tive que ser durante muito tempo; tomando providências: arranjar trabalhos, rever provas, comprar papel, agenciar anúncios...

Supuz que as paixões políticas não deveriam ter influência sobre a eleição para certos cargos na sociedade — lutei em vão. Admiti que conseguiria o apoio necessário para atingir

a meta proposta de modificação e atualização. Julguei que a experiência que adquiri em muitos anos devia ser usada. Não poderia recuar. A revista, veículo — algumas vezes único — entre o membro que vive em locais distantes e a S.B.A., merecia meu sacrifício.

Era tarde, entretanto. A atual diretoria, quíça por força de compromissos, não avalizou a execução de meu plano e não me apoiou. Forças ativistas compuzeram chapas eleitorais, durante o período de realização da Assembléia, trocando entre si o apoio para nomes de representantes regionais que melhor auscultassem seus interesses. Apesar de meu nome ter recebido a indicação do Conselho Eleitoral, outro candidato, por certo respeitável, que não tinha nenhum esquema de trabalho pré-estabelecido, foi indicado e eleito.

Tudo bem, é a renovação, a hora de mudar, livremente como estabelecem os estatutos. Devolvo meu cargo que exerci com dedicação e afinco renovando os agradecimentos que anualmente fiz em meus relatórios. Faço votos para que a revista prossiga em sua trajetória e que tenha o sucesso que merece.

REFERÊNCIAS

1. Gonçalves B — Em respeito às decisões. Rev Bras Anest 17:127, 1967.
2. Gonçalves B — Política redatorial. Rev Bras Anest 8:129, 1958.

BENTO GONÇALVES, EA
Editor-chefe — 1979